

humanitas

Vol. XIX Ž J

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XIX E XX



COIMBRA
MCMLXVII-LXVIII

quantidade de códices que transmitem a *Passio* em latim e em grego, com a dificuldade de os examinar, classificar e agrupar, com as discussões à volta da equivalência de ambos os textos entre si, com as hipóteses já emitidas sobre quem os escreveria.

A série de «*Studia Graeca et Latina*» da Universidade de Gotemburgo (Suécia), inaugurada em 1955, publicou, no espaço de 13 anos, 26 volumes, sobre temas tão variados como os que vão do micénico à tragédia grega, ao mundo helenístico e à Literatura Grega Cristã, e os que em latim se ocupam do período clássico, da época tardia e também da Literatura Latina Cristã. Precisamente a este último grupo pertence o trabalho que temos presente. Sob o título de *Le problème de la passion des saintes Perpétue et Félicité*, o A. não pretende afinal, de entre os muitos problemas que levanta esta *Passio*, indubitavelmente autêntica e também valiosa por ser das mais antigas que possuímos, resolver senão um: — o do Redactor de cada uma das suas partes.

Ao leitor desta *Passio* torna-se imediatamente evidente que os capítulos I e II são de um Relator que, após um prefácio, nomeia (e passamos a traduzir da edição de C. van Beek) os «jovens catecúmenos: Revocato e Felicidade, escravos; Saturnino e Secundulo; e com eles Vibia Perpétua, de nobre estirpe, esmeradamente educada». Logo a seguir a palavra é dada a Perpétua que «por sua própria mão escreveu» as diversas fases do martírio, desde o momento da prisão até ser arrancada do cárcere (caps. III-X). O Relator passa imediatamente a transcrever a visão de um «presbítero doutor», Sátiro, que se veio juntar aos cristãos presos, visão «que ele próprio descreveu» também (caps. XI-XIII). Finalmente (caps. XIV-XXI) o Relator narra a morte de Secundulo e dos outros mártires, terminando o capítulo XXI com um breve epílogo. O propósito de A. Fridh é tentar descobrir, através de elementos puramente filológicos, se a redacção latina é tradução da grega ou vice-versa e, quanto possível, identificar o autor de cada parte e a sua época.

Uma vez posto, resumidamente, o *status quaestionis* (cap I, pp. 5-11), Fridh, partindo da observação (já feita por outros estudiosos) que o texto do Relator e de Perpétua tem cláusulas métricas, estuda (cap. II, pp. 12-45), baseado numa técnica aperfeiçoada de estatística dos ritmos preferidos, quais as tendências de cada uma das personagens que intervêm na redacção total da *Passio* latina. Verifica assim que as cláusulas ainda não são de ritmo intensivo e, portanto, a prosa deve ter sido escrita no princípio do século III (à anterioridade a esta época opõe-se a datação tradicional do martírio), uma vez que foi ao longo deste século que se deu a passagem da métrica quantitativa para a acentual. Pode concluir ainda que o Redactor é pessoa culta e que a narração de Perpétua «pressupõe uma certa educação», mas sem artificios retóricos. A parte de Sátiro é «amétrica». Por outro lado, a comparação das cláusulas deste Relator com as das obras de Tertuliano, permite concluir que o autor do relato latino não foi Tertuliano, embora, por outros indícios, possa ter sido alguém do seu círculo. A observação da redacção grega revela também a existência de cláusulas do mesmo tipo no texto do Redactor e no de Perpétua, mas não no de Sátiro. Ora, como as cláusulas acentuais foram introduzidas na prosa grega só no século IV e as verificadas aqui são de tipo quantitativo, torna-se provável que a redacção grega seja também do século III. Resumindo, o texto latino postula a intervenção de três escritores; o grego apenas de dois.

O capítulo III (p. 46-83) é consagrado a uma investigação sobre se a prioridade deve ser concedida à redacção latina ou grega. Vários investigadores já antes

se haviam pronunciado a favor do latim em todas as partes. Fridh examina os seus argumentos e nota que, na parte do Relator e de Perpétua, o texto latino é, de facto, mais claro, ao passo que o grego apresenta dificuldades de compreensão e duplicados de tradução. Daí o dever concluir-se pela prioridade daquele. Em contrapartida, ao invés da opinião tradicional, verifica-se que a parte latina atribuída a Sátiro oferece dificuldades que encontram melhor solução no texto grego. Além disso, com uma série de judiciosas considerações, prova-se que a mentalidade revelada por Sátiro condiz com a dum grego ou judeu helenizado que se tenha convertido ao cristianismo. Por isso mesmo deve concluir-se que o trecho de Sátiro foi escrito, originalmente, em grego e depois vertido para latim. Mas, existindo um texto com uma parte (a de Sátiro) em grego, compreende-se que um único tradutor tenha tomado sobre si a tarefa de verter para a mesma língua as partes latinas do Relator e de Perpétua.

Quem foi afinal o Relator? A obra não oferece qualquer elemento capaz de se fazer uma identificação. Mas fixou-se uma época, distinguiram-se os estilos, estabeleceu-se a prioridade de cada redacção. Ao terminar, A. Fridh, modestamente, insiste, por duas vezes, sobre a «natureza puramente hipotética da reconstrução que apresenta» (p. 82-83) e julga ter indicado apenas «uma solução provável». Por nossa parte, somos mais optimista acerca do valor do seu trabalho. Se bem que nem todos os argumentos tenham a mesma força probativa, temos o conjunto das provas aduzidas como plenamente convincente. À bibliografia consultada (pp. 83-88) julgamos que seria útil ter-se acrescentado a obra de H. W. F. M. Hoppenbrouwers, *La plus ancienne version latine de la vie de S. Antoine par S. Athanase* (Utrecht-Nijmegen, 1960), pois aí se encontram muitos exemplos de duplicados de tradução, feitos por alguém que trabalhava à pressa sobre um texto grego e possivelmente ditava em latim, corrigindo numa segunda construção o que acabara de exprimir por outras palavras na primeira tentativa.

O *index locorum* (p. 90) está manifestamente incompleto na parte referente aos autores citados, gregos e latinos, da Antiguidade. Quem examinou a obra recordar-se-á perfeitamente de ter lido passos de Santo Agostinho, de Santo Ambrósio, da história de Barlaão e Josafá, de apocalipses apócrifos, etc.. Não será difícil corrigir esta deficiência.

J. G. F.

HARALD HAGENDAHL — *Augustin and the Latin Classics*, *Studia Graeca et Latina Gothoburgensia*, XX, Göteborg, 1967, 2 vols., 770 pp.

O I vol. (376 pp.), consagrado aos *Testimonia*, deixa-nos uma impressão esmagadora. *Doctis, Iuppiter, et laboriosis!* — apetece exclamar com Catulo (I, 7), ao ler estas páginas. Que erudição, meu Deus! Percorrendo mais de uma centena de obras de Santo Agostinho (n. 354-m. 430) — e lembremos que só dos *Sermões*

se consideram autênticos uns 500 e que das 270 *Cartas* algumas são verdadeiros tratados — examinando detidamente este acervo de produção, sobretudo de carácter teológico, H. Hagendahl, da Universidade de Göteborg (Suécia) verificou que em 52 dos seus trabalhos Santo Agostinho cita 969 vezes autores da Antiguidade Latina. Imagina-se o que de esforço representa este I volume. A atenção teve que estar fixa, simultaneamente, em dois focos: — no que Agostinho escreve e na possível influência de um autor latino, quando não mencionado explicitamente. Mas para isto é preciso ter presente, e quase de memória, o vastíssimo caudal de toda a Literatura Latina! Só assim foi possível apurar que Santo Agostinho cita explicita ou implicitamente, uns 50 autores latinos. Que erudição a de Santo Agostinho e que erudição a de H. Hagendahl! E não se esqueça que se trata aqui só da Literatura Latina. Sobre a influência dos autores gregos em Santo Agostinho dá-se como decisivo o estudo de Pierre Courcelle, *Les lettres grecques en Occident. De Macrobe à Cassiodore* (Paris, 1948, pp. 137-194). Que dizer então se a tudo isto acrescentarmos a fabulosa erudição bíblica de Santo Agostinho e as citações dos Padres da Igreja que o precederam? Gigante da cultura, este *rhetor* de Tagaste que, após tormentosas lutas de espírito, acabou por ser, durante 35 anos (395-430), bispo da pequena cidade de Hipona!

H. Hagendahl encontrava-se especialmente preparado para esta tarefa. Já em 1958 publicara o justamente famoso estudo *Latin Fathers and the Classics. A study on the Apologists, Jerome and other Christian writers*. E desde logo viu que Santo Agostinho exigia, para si só, um trabalho especial. Este, por demorado e profundo, só foi possível realizar-se e vir a público com o apoio de sete instituições suecas protectoras da cultura. O I vol. é constituído apenas pelos *testimonia*, em que muitas vezes se apresenta, lado a lado, o texto de Agostinho e do autor cotejado. Os autores latinos são apresentados por ordem alfabética. Pareceu-nos a princípio que seria mais razoável ter-se preferido a sequência cronológica. Mas não. Assim é, de facto, muito mais fácil descobrir o autor que desejamos e inquirir da sua influência.

O estudo cronológico é feito no II volume. Aí, utilizando todo o material antes exposto, Hagendahl começa (cap. I, pp. 377-383) por provar que, dos poetas da época republicana, embora a quase todos se tenha referido, apenas Terêncio (28 passagens) e Lucrécio foram conhecidos por Santo Agostinho sem intermediário. No longo capítulo II (pp. 384-463), dedicado a Virgílio, fica bem patente a admiração que à sua mestria de linguagem e de estilo consagrava o escritor de Tagaste. Em parágrafos distintos é apreciada a influência do Mantuano na Literatura Cristã; discutem-se as suas ideias sobre religião e filosofia; põe-se em contraste o espírito nacionalista de Virgílio com a concepção da *Cidade de Deus*, com acentuada crítica do imperialismo romano; apresentam-se vários passos em que os sentimentos do poeta de Roma são susceptíveis de serem «cristianizados», fazendo-se então uma atenta referência ao problema da IV bucólica; rebate-se a posição de Schelkle, demonstrando-se que Agostinho manejava Virgílio e copiava da própria fonte os passos citados.

A posição de Horácio (cap. III, pp. 464-469) é a do terceiro poeta mais citado (30 vezes). Mas se as *Sátiras* e *Epístolas* parecem ser objecto de um cotejo directo, as *Odes*, *Epodos* e *Arte Poética* podem, segundo alguns, ter sido mencionadas através de Terêncio Mauro ou outro metricista, embora, como justamente sugere Hagendahl, seja muito provável que também as produções líricas de Horácio fizessem parte da

biblioteca de Agostinho. «Tíbulo e Propércio nunca são mencionados e nada indica que ele os tenha lido. Também não nomeia Ovídio, mas certamente conheceu ao menos uma das suas obras, as *Metamorfoses*» (p. 468). E apresenta-se, para documentar esta última suposição, um passo convincente. Dos poetas do tempo do Império (cap. IV, pp. 470-478) estudam-se as referências a Lucano, Pérsio, Terêncio Mauro, Mário Vitorino, Séneca, Juvenal e Claudiano.

Notável é o capítulo consagrado a Cícero (V, pp. 479-588), embora a influência dos seus discursos sobre Santo Agostinho tenha sido exagerada por vários estudiosos como Peusch e Testard. Dos escritos filosóficos são longamente estudadas as transcrições do *Hortensius* (56 testemunhos), dos *Academica*, das *Tusculanae*, do *De natura deorum* e de outros. A importância do *De re publica* é merecidamente posta em relevo (33 citações e 3 resumos) não só por este tratado até ao século XIX ter sido julgado perdido, mas por Santo Agostinho se mostrar em desacordo com a concepção do homem de estado, a função do teatro e dos actores apresentadas por Cícero. Ao perpassar as obras retóricas demonstra-se que estas exerceram especial influência no *De doctrina christiana* (pp. 558-568) e rebate-se vigorosamente a tese de Marrou, provando, contra ele, que este tratado agustiniano foi especialmente dedicado a orientar a instrução dos clérigos. A concluir, Hagendahl diz que o pensamento de Santo Agostinho está imbuído, mesmo sem o mencionar, do influxo de Cícero, de quem se podem registar 447 testemunhos, 145 dos quais se encontram numa só obra, o *De Ciuitate Dei*. Reprovando embora exageros de Zielinski (p. 580), deve reconhecer-se que foi através de Cícero que a filosofia grega chegou a Agostinho. «Temos que agradecer-lhe um grande número de fragmentos e, o que é mais, longos e preciosos fragmentos de três grandes diálogos: *Hortensius*, *Academica* e *De re publica*. Neste aspecto — como noutros — o bispo de Hipona eclipsa todos os outros Padres Latinos» (p. 588).

Não é menor a importância de Santo Agostinho para o nosso conhecimento das obras de Varrão, pois nenhum autor cristão ou profano se ocupou mais dele ou nos legou mais fragmentos seus (cap. VI, pp. 589-630). Para a elaboração deste capítulo Hagendahl foi ajudado pelo especialista em estudos varronianos que é o dr. Bukhart Cardauns, da Universidade alemã de Erlangen. Faz-se então uma minuciosa descrição dos fragmentos dos *Disciplinarum libri*, *De gente populi Romani*, *Antiquitates rerum humanarum et diuinarum*, *De cultu deorum*, *De philosophia*, obra que só é conhecida através do livro XIX do *De Ciuitate Dei*.

Dos historiadores romanos há dois que merecem especial atenção. Salústio (cap. VII, pp. 631-649) é citado 95 vezes por Santo Agostinho e dele aproveitou a interpretação moralizante da história, bem como os seus aspectos pessimistas em relação aos crimes praticados sobretudo durante o período da República. Tito Lívio (cap. VIII, pp. 650-666) é utilizado principalmente para delimitar períodos e fornecer datas. É certo que muitas vezes Agostinho se serviu dos resumos de Eutrópio e de Floro, mas, ao contrário da tese de Ida Calabi (pp. 661-663), que pretende ter o bispo de Hipona apenas utilizado *exempla*, *prodigia* e *memorabilia*, prova-se que Lívio foi muitas vezes usado directamente, sem intermediário.

Os prosadores do tempo do Império (cap. IX, pp. 667-689) não despertaram grande interesse em Santo Agostinho. Utiliza, é certo, testemunhos de historiadores e homens de ciência como Valério Máximo, Eutrópio, Justino, Sorano, Plínio-o-Velho, Solino, Aulo Gélio, Cornélio Celso e Quintiliano, este último conhecido na própria

fonte, ao contrário do que pensa Keseling (p. 676). Dos filósofos, Séneca não exerceu sobre Agostinho a influência pretendida pela escola francesa (Nourrisson, Marrou, Bardy, Labriolle e Courcelle). Segundo Hagendahl, além do *De superstitione* não é citado senão mais um passo de uma carta. Cornélio Lábeo só é citado no *De Civitate Dei* (9 vezes). Em contrapartida, as obras filosóficas de Apuleio são bastas vezes mencionadas. Contra a opinião de Courcelle, não há provas suficientes de que fossem utilizadas as *Metamorfoses* de Apuleio. Finalmente, Hermes Trismegistos foi também citado na sua tradução latina.

O capítulo final (X, pp. 690-729) é dedicado a uma revisão dos principais aspectos estudados: — 1) *Extensão e limitação das leituras de Santo Agostinho*. Começando por dizer que deve ter lido muito mais do que cita, afirma também que Agostinho menciona nomes de autores cujas obras não leu. 2) *Métodos de citação*: dois processos são utilizados — a paráfrase e o cotejo literal. Muitas vezes, porém, o nome do autor não é indicado, limitando-se a expressões gerais ou indefinidas. 3) *Citações de memória ou copiadas de livros?* Presume-se que Santo Agostinho dispunha de uma boa biblioteca, embora não possamos reconstituí-la com precisão. A concordância literal de numerosos passos não deixa margem a dúvidas sobre o seu método de trabalho. 4) *Atitude de Agostinho: mudanças e tendências*. 5) *Conclusão*.

Estes dois últimos parágrafos vão merecer-nos uma atenção especial. Eles não são apenas um resumo do que ficou dito, mas marcam o ponto mais alto da crítica de Hagendahl. Até aqui vimo-lo comentar objectivamente os passos de Santo Agostinho e através deles reconstituir o ambiente em que escreveram os autores latinos. Frequentemente as suas conclusões emendam teses defendidas por outros estudiosos. Agora, porém, o Autor toma posição em face da atitude do próprio Agostinho e critica-a dum ponto de vista pessoal, de modo por vezes surpreendente e apaixonado. O resumo que damos a seguir deixa já expressos os pontos que consideramos exagerados.

É certo que ao longo dos seus 44 anos de escritor Santo Agostinho mudou de atitude em relação aos clássicos. Os diálogos do seu retiro em Cassiciaco (386-387) estão cheios de influência e de admiração pelos clássicos. O baptismo (387) não mudou a sua posição. A partir da ordenação sacerdotal (391) passa a notar-se uma certa indiferença. O *climax* desta nova atitude é representado pelas *Confissões* (397-400). Embora noutros passos Hagendahl torne compreensível a nova perspectiva deste escrito íntimo, que revela uma tendência frequentemente negativa, de harmonia com a herdada tradição cultural cristã, não se poupa a emitir este juízo rigoroso: «Difícilmente alguma outra obra de um escritor cristão, desde Tertuliano, desce a um tão profundo estado de hostilidade contra a antiga tradição cultural como este manifesto de fanática religiosidade!» (p. 715) Dá vontade de perguntar se Hagendahl chegou a penetrar na natureza *sui generis* desta obra em estilo «lírico-meditativo», como a classificam M. Verheijen e Ch. Mohrmann (respectivamente em *Eloquentia Pedisequa. Observations sur le style des Confessions de Saint Augustin* (Nijmegen, 1959, p. 79) e *Études sur le Latin des Chrétiens* (Roma, 1958, p. 377). Foi anteriormente exposta a grande admiração de Santo Agostinho por Virgílio. Os pontos de vista de ambos os escritores são, no entanto, radicalmente opostos, na apreciação do espírito do imperialismo romano. Surpreendem, apesar de tudo, estas interrogações um tanto retóricas: «Será possível, poder-se-á justa-

mente perguntar, dar uma pintura mais maldosa e falsa do poeta do que a feita por Agostinho no sermão 105, pronunciado em 410, pouco depois da conquista de Roma? Terá mesmo Agostinho descido a um mais baixo nível nas suas polémicas?» (p. 717). Os escritos teológicos raramente citam autores clássicos. Mas, perguntamos nós, não será isto compreensível? A teologia tem outras fontes documentais: a Escritura e a Patrística.

Com os estudos preparatórios para o *De Civitate Dei* (413-426) a atitude de Santo Agostinho volta a ser de grande atenção para os autores latinos. Compreende-se, pois que sendo uma obra de carácter apologético, convinha partir de dados aceites pelos leitores pagãos. O manejo de autores latinos neste período deixa alguns reflexos noutros escritos contemporâneos. É natural que assim tenha acontecido. Não é novidade que Santo Agostinho não deve ser considerado como um historiador (p. 720), nem mesmo como um filósofo (p. 726). O que ele é, a partir da ordenação sacerdotal e do episcopado, deixemo-lo aqui bem expresso, é um teólogo, um apologista e um pastor de almas. Sobre este último aspecto é plenamente elucidativa a obra de F. van der Meer, *Augustinus de Zielzorger* (Utrecht-Brussel, 1947).

Em conclusão, Santo Agostinho nunca atraiçoou* a sua preparação retórica, baseada nos grandes escritores romanos. Permaneceu sempre um gramático (como se torna evidente nas suas obras de exegese) e um dialéctico (como o provam os seus numerosos escritos polémicos). Mas como bispo propôs-se alcançar objectivos superiores aos de puro literato — ser um campeão da ortodoxia católica. Nele não se tornou dramático (como o foi em S. Jerónimo) o conflito entre a formação clássica e o pensamento cristão. Soube estabelecer um ajustamento, ao reconhecer que a autoridade da fé se deve sobrepor às forças da formação retórica e da filosofia. A opinião tradicional é que ele conseguiu realizar a «reconciliação, um compromisso ou mesmo uma síntese, entre o Cristianismo e a Antiguidade» (p. 729). H. Hagendahl não adere a esta posição. E termina o seu estudo com uma conclusão quase estranha às exposições anteriores: É certo que Santo Agostinho nos preservou um imenso património da Antiguidade. Mas «outro aspecto da influência de Agostinho deve ser posto em evidência e de não menores consequências: poucos contribuíram tanto como ele para afastar o Cristianismo do espírito da Antiguidade» (p. 729).

Poderá parecer pessimista este remate. Que pensar então do conjunto da obra de Hagendahl? A busca das fontes e a situação dos problemas na sua época revelam uma operosidade e uma competência extraordinárias. Pode dizer-se que, após tantos estudos monográficos que lhe foi possível utilizar (cf. bibliografia, pp. 730-738), esta obra ficará por muito tempo como a última palavra numa visão de conjunto da projecção da Literatura Latina em Santo Agostinho. Nenhum estudioso que se interesse por este aspecto poderá deixar de consultar os seus bem elaborados panoramas. E, se bem analisarmos os conceitos, o seu juízo final não vem senão em abono do enorme poder construtivo de Santo Agostinho. O Cristianismo tem uma visão de Deus, do homem e do mundo que não se identifica com a do Estado Romano. Ter-nos transmitido os valores reais da Antiguidade grega e latina e encontrar uma nova linha de rumo para a cultura cristã, eis o grande mérito do *rhetor* de Tagaste, que depois foi bispo de Hipona e continua sendo talvez o maior doutor da Igreja Universal.